



MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU

Na noite da última segunda-feira, 30, eu fui me encontrar com os integrantes do [Móveis Coloniais de Acaju](#), em um estúdio no plano piloto de Brasília. Eles estavam ensaiando para o Móveis Convida, décima edição do já tradicional festival que o grupo realiza na capital, show de lançamento do seu segundo disco, “C_MPL_TE”, que será realizado hoje, sexta-feira, no Centro Comunitário da Universidade de Brasília, gratuitamente. Depois de uma sessão de ensaio intensa, na qual os integrantes choraram de emoção e discutiram fortemente, eu segui com três dos integrantes – Esdras Nogueira (saxofonista), Beto Mejía (flautista) e Fábio Pedroza (baixista) – para uma lanchonete, pois a fome batia forte. Foi lá, entre sanduíches, que os três falaram para o Bloody Pop sobre o processo de composição, gravação e divulgação do “C_MPL_TE”, sobre os encontros e desencontros com o produtor [Carlos Eduardo Miranda](#) e sobre as diferenças do mercado musical no Brasil e na Europa, por onde eles recentemente fizeram uma turnê.

Relaxados, Esdras, Beto e Fábio quase não precisaram de perguntas para contar como foi a busca do Móveis por um disco que mostrasse às claras a identidade do grupo, formado por nove (ou dez) integrantes, no qual todos tiveram efetiva participação na criação e direcionamento musicais da banda. Diante de vários obstáculos, posteriormente descobertos verdadeiras oportunidades para criarem algo, digamos, mais completo, o grupo decidiu por realizar um disco de estúdio – previamente, “C_MPL_TE” seria um disco gravado ao vivo – cujo processo de divulgação levou a um enorme material em vídeo.

A entrevista do Bloody Pop com o Móveis Coloniais de Acaju foi dividida em três partes. A primeira parte você lê logo abaixo, a segunda parte sai amanhã, sábado, e, para completar a entrevista, publicaremos a terceira parte no domingo, junto com um PDF com a entrevista completa para quem quiser baixá-la. Sem mais delongas, fiquem com a ótima conversa que tivemos com o Móveis Coloniais de Acaju.

por Matheus Vinhal



ENTREVISTA

MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU

Bloody Pop: Eu me lembro da primeira vez que vi o nome do disco e achei muito interessante, diferente. E como com qualquer coisa diferente, a gente acaba tentando entender o que vocês estão querendo dizer com isso.

Beto Mejia: E o que você pensou na primeira vez que você viu a grafia do nome ["C_MPL_TE"]?

Bloody Pop: Ah, a primeira coisa que você vê é que tem algo a completar. Como se os Móveis tivessem convidando o público deles a completar o trabalho.

Esdras Nogueira: Bacana, porque eu não sei se as pessoas vão sacar quando o disco sair e verem o encarte.

Beto: A primeira coisa que escreveram sobre o nome, foi até aquela socialite: "Ah, o Móveis vai lançar o segundo disco com o nome meio impronunciável". Ela não sacou a *vibe* (risos). Mas é isso que você falou, mesmo. É justamente isso.

Esdras: Acabou a entrevista, agora vamos tomar uma cerveja! (risos) É, na realidade, essa parada partiu da nossa relação com o público e com a nossa relação com a gente, que tem que ser a mesma. Existe uma relação de troca, tanto com o público quanto com os dez [integrantes]. Hoje [no ensaio] a gente teve essa relação de amor e ódio, várias vezes. Na hora em que tava ensaiando, neguinho chorando, e, quando acabou o ensaio, neguinho quebrando o pau. É uma relação muito louca, intensa. Mas, assim, a relação é tudo, não é só um pedaço, tem que aceitar tanto a parte boa quanto a parte ruim e tem que saber lidar com isso. E a gente tinha sentido isso muito intenso, cara. E nesse disco, conceitualmente, antes da gente saber o que iria gravar, a gente já sabia que esse era o conceito.

Beto: Acho que a partir dessa nossa relação, a gente percebe o quanto a banda precisa do público, também. O processo de composição mudou bastante do primeiro disco ["Idem", lançado em 2005] para o segundo. Cada um agora completava o outro, trazia novas ideias. O processo era um pouco mais diversificado, mais aberto para todo mundo dar palpite e até ter mais intimidade. Dentro do processo a gente via que quando todo mundo colocava um pouquinho, esse pouquinho ia fluindo de uma maneira que, no outro dia, a pessoa ia colocando mais um pouco. E na hora de fazer o disco a gente fez uma análise do que aconteceu com o Móveis até agora, o que levava o Móveis a tocar em festivais, o que acompanhava o Móveis desde cedo e que tinha uma recepção boa. E a gente percebeu que era o público, porque a gente se entrega. A gente tem essa troca, como o Esdras falou. E nada mais justo e gratificante do que chegar lá e falar: "Olha, vamos compartilhar isso com vocês, completa a gente também. Vem participar do processo, também".



MÚSICAS COLONIAIS DE ACAJU

Esdras: A gente tem essa identidade em qualquer lugar, sabe? Basicamente do mesmo modo que [Macaco Bong](#) fala, “[Artista Igual Pedreiro](#)”. Não é ser pop star, não tem porque ser, sabe? É você ganhar seu dinheirinho, trabalhar, ser feliz e ter essa relação de troca. É isso que faz a música fluir. Não é ter uma luz foda, não é ter um som foda, não é ter uma música foda, é ter essa identidade que vai levar as outras coisas a outras etapas. É uma relação, mesmo.

Bloody Pop: Vocês podem falar mais do processo de composição? Porque parece que foi bem diferente [do processo do *Idem*]. Até porque é o segundo disco, as músicas geralmente são feitas pensando em compor para o disco...

Fábio Pedroza: Mais do que isso, na verdade. Porque o disco começou tem mais de dois anos, desde 2005 ou 2006. E a gente tinha várias músicas que ainda estavam numa transição. Mas acho que mais do que isso, foi uma opção da banda, mesmo. Uma opção de mudança de trabalho. Foi levar às últimas consequências o que a gente meio que já fazia antes, mas que ainda não tinha coragem de assumir, que é um trabalho em grupo. No “*Idem*”, as músicas vinham completamente prontas de alguém e a gente fazia os arranjos, ou a gente fazia [a música] juntos e continuava chamando de arranjo. A gente foi incorporando tanto essa relação de “O que vem é modificado pelo grupo” que foi algo que foi acontecendo. Foi indo aos poucos...

Bloody Pop: E isso saía mais dos ensaios?

Esdras: De tudo, cara. O título do disco, nada mais é do que isso: “C_MPL_TE” poderia ser o título do nosso Big Brother. Hoje nós estávamos juntos desde as seis horas da manhã, trabalhando. E com isso o disco, musicalmente, se tornou possível. Porque a gente já tinha isso na nossa relação. Foi uma forma musicada de passar isso, não sei se vai ficar claro para a galera, mas para a gente...

Fábio: E a gente comprou isso, mesmo. Por exemplo, as letras sempre foram uma coisa muito pessoal, então era uma coisa que a gente nem tocava. Mas aí a gente chegou e viu: “Pô, não faz sentido”.

Esdras: É lógico que alguém, por exemplo, que entrega uma letra... O cara, sei lá, acabou o namoro e fez uma letra e o outro cara chega e fala: “Muda isso, e isso, e isso”, ou fala: “Cara, isso tá muito bom”. Isso foi legal. Claro, tem discussão...

Beto: Estamos aprendendo. É uma fase instrumental, é um resultado muito diferente do “*Idem*”, mesmo. Mas é uma fase instrumental...

Esdras: Eu particularmente gostei do resultado e o processo pode ser melhorado. O resultado eu acho que é muito bom.



MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJÚ

Bloody Pop: Pelo que deu para ver nas apresentações de vídeo, ao vivo, houve uma espécie de mudança de linha melódica nas músicas, principalmente nos sopros. Antes vocês chamavam o som do Móveis de “feijoadá búlgura”...

Esdras Nogueira: É, hoje eu não sei do que a gente pode chamar...

Beto Mejía: Mas o que você achou do sopro?

Bloody Pop: Eu achei que [o sopro] saiu um pouco das melodias bálcãs e foi mais para o pop. Isso foi algo premeditado ou natural, mesmo?

Beto: Bem, o bálcã se caracteriza por algumas coisas. Ele tem uma coisa da ritmicidade que é muito grande e tem escalas, ditas balcânicas, que caracterizam isso. Basicamente são essas duas coisas que definem [o bálcã]. Acho interessante você falar isso porque a gente continuou usando muito das linhas melódicas e a gente mudou a coisa rítmica. Na verdade, as coisas rítmicas a gente deixou ainda um pouco, mas menos evidente. Então, por exemplo, isso foi uma coisa que o [Carlos Eduardo] Miranda até direcionou. A gente mostrava algumas músicas e ele falava: “Cara, isso é muito bálcã. Isso é uma cópia de bálcã. Vocês têm que interpretar isso de alguma forma e colocar na linguagem de vocês.” E é isso que a gente fez. A gente conseguiu colocar um tipo de referência sem ser chupada, tão na cara, como às vezes era, um pouco, no “Idem”. Não sei se foi bom ou ruim, só saiu desse jeito.

Esdras: O Miranda teve muita influência nessa onda de não ser referente. O cara era um dicionário: dois iPods, um computador, então o cara sabia muito de tudo. Muita coisa que a gente mostrava, ele falava: “Cara, isso aqui é meio assim, né?” E colocava uma banda lá de não sei onde, do interior da Europa Oriental. Aí falou: “Ó, caminha por isso aqui”. E só botou *punk rock*, cara. O primeiro encontro que a gente teve com ele, ele só botou *punk rock*. E depois a gente foi trabalhando essa estética de não ser referente, mesmo. Buscar ideias sem ser referente... Na real, velho? O Miranda deve ter pensado: “Eu vou encher esses caras de coisa para eles pensarem no que eles vão fazer”. (risos) Ele mostrou muita coisa.

Fábio Pedroza: No primeiro dia ele passou só *punk rock* – só isso. Tinha um *skazinho* ou outro. Aí na segunda vez ele já passou um monte de *ska*, tradicional, que todo mundo já tinha no iPod. Aí a gente ouvia tudo. Depois, ele colocou um monte desses *indie hype*. O [Vampire Weekend](#), por exemplo, a gente conheceu lá no iníciozinho do processo. Não sei se ele escuta tudo aquilo, não. (risos) Mas ele andava sempre com um computador de 250Gb, um iPod de 160Gb e um outro iPod de 80Gb.



MÚSICAS COLONIAIS DE ACAJU

Esdras: Mas o Miranda sabe assim: “Olha isso aqui. Parece isso aqui, né?” É bem louco, e é massa porque o Miranda não sabe tocar, não sabe cantar. Ele sabe ouvir a música e dizer: “Tá bom. Isso não tá bom. Toca assim [e balança o braço alucinadamente]: *bém-bém-bein-bein-bein*”. E era justamente isso que a gente acha que faltava um pouco. Ele jogou um conceito, sacou? Ele entendeu o álbum e a gente foi trabalhar esse disco. A gente chegou com 25 músicas, 30, sei lá, uma pá de músicas. Ficaram 5. Ele limou coisas que a gente gostava. Ele tirou quase tudo que a gente gostava. (risos) E ele falou assim: “E essa aqui, U-hu?”. **[Falso Retrato]** “U-hu” era uma música que a gente não dava nada por ela. A gente mostrou para encher linguiça. Foi a última a ser mostrada. Naquele ensaio de quatro horas, faltando dez minutos para acabar, você mostra a música pro cara e ele fala: “Caralho, essa música é muito foda! Foi a que eu mais gostei” (risos). A gente ficou assim: “Caraca, tem certeza? Não quer que a gente toque de novo?” E a gente tocou de novo e ele: “É isso mesmo, véi!” (risos). Aí, nego falou: “Velho, vamos desapegar, a gente chamou o Miranda para fazer, o Miranda vai fazer. Se ficar uma bosta a culpa é dele.” (risos) Vamos deixar ele fazer.

Fábio: É aquela história: se ficar uma bosta a culpa é da banda, se ficar bom a culpa é do produtor. (risos)

Esdras: Mas foi isso. E esse começo [a gente] foi, tipo, se conhecendo. Depois, bicho, a gente já sabia que o Miranda ia vir, já preparava os negócios e o Miranda já falava: “Porra, vocês tão ruins pra caralho! Estuda essa porra, velho!” Já tava assim e já tava tranquilo. (risos) Mas também quando estava bom ele pulava no teto. “Caralho, tá muito bom!” (risos) Tipo, “**O Tempo**”, cara, era uma música totalmente diferente. Ela não tinha introdução, e ele falou: “Essa música tá boa, mas tá faltando alguma coisa.” Aí, ele foi fazendo: “Tenta fazer isso, tenta fazer aquilo, joga essa introdução no começo, começa com o sopro...”

Bloody Pop: Tem uma **parte no Diário de Gravação** que vocês estão “montando” uma música...

Fábio: (Risos) É **[Para Manter ou Mudar]** “A Do Piano”.

Beto: Foi assim: no final do processo – a gente tinha um prazo para gravar o disco, né? – a gente tava meio desesperado porque as músicas entravam e o Miranda: “Tá legal”. Aí a gente: “E agora? Vamos compor outra”.

Fábio: Mas o pior não foi isso. Foi o seguinte: ele chegou lá no dia, a gente passou todas as músicas, aí a gente passou essa música de novo porque ele pediu e falou: “Cara, essa música não tá boa! Tô indo embora, tô voltando para São Paulo: resolvam.” E foi embora! (risos).



ENTREVISTA

MÚVIES COLONIAIS DE ACAJU

Esdras: Não, nessa hora ele não foi embora. Ele foi comprar revistinha, água, sei lá. Mas deixou a gente lá esperando uma hora, todo mundo desesperado.

Fábio: Tinha que resolver, cara. (risos)

Bloody Pop: E como foi fazer esse Diário? Porque ele serve como divulgação...

Esdras: As bombas ainda estão por vir! (risos)

Beto: O Esdras que resolveu fazer. Ele que pegou as coisas e começou a fazer, e foi muito bom.

Fábio: Ficou aquele vídeo tosco. Aí ele [Esdras] vai melhorando. Aí quando ele aprende a fazer cortes, aí ele coloca os cortes. Depois ele aprende, sei lá, a mexer na velocidade [do vídeo]...

Bloody Pop: É, tem uns vídeos que tem algumas coisas de vanguarda... (risos)

Fábio: Pois é! (risos)

Beto: (Para o Esdras) É, acho que ele te entendeu cara! (risos)

Fábio: Aí ele aprendeu a repetir a partezinha do meio no começo. (risos)

Beto: Mas essa iniciativa do marketing veio do Esdras, mesmo, que foi bacana.

Esdras: É porque a gente tava gravando em São Paulo. Mas aquilo lá foi filmado de propósito, só que estava lá, brutão. Tava no computador de alguém. Aí eu peguei e, sei lá por que, eu descobri o MovieMaker no computador. É porque a gente gravava o dia inteiro, aí todo mundo voltava cansado para o hotel. E eu não durmo cedo, cara. Eu chegava cansadão, mas não conseguia dormir. Aí eu ficava no computador, cansado de ver... er... emails (risos) e ficava lá me divertindo vendo neguinho falando merda para caramba.

Bloody Pop: E quais são as bombas que vão vir?

Esdras: Não, tem umas bombas aí...

Fábio: Tem, por exemplo, uns vídeos da Europa que ele tá editando.

Esdras: Só que aí os profissionais amigos nossos se amarraram na ideia. A ideia dos vídeos no site veio daí, só que aí já tinha direção do Maboru [Yamamoto], um cara daqui que já trampa com publicidade e o Hugo [Pachiella], que trabalha com finalização.



MÚSICA COLONIAL DE ACAJU

Bloody Pop: E esses vídeos vão virar alguma outra coisa?

Esdras: Vai virar um DVD.

Fábio: Engraçado é isso, como que a gente saiu de um processo... (para o Esdras e para o Beto) vocês falaram disso?

Esdras: Não, não.

Fábio: O disco era para ser um CD ao vivo, com a gravação de um DVD. Até dois dias antes da gente entrar no estúdio, era isso. Foi muito louco, cara, porque isso deu um pouco de problema para a gente, mas por outro lado, criou o que aconteceu, o que tá aí e que a gente acha do caralho. O CD inteiro foi preparado, os arranjos, os ensaios: foram todos preparados para a gente gravar ao vivo. O Miranda falou: "Vocês vão gravar, todo mundo, ao vivo. A gente vai filmar isso e vai sair um CD com DVD", cruzão e tal. Tanto que tudo que ele mostrou para a gente era um bocado de coisas cruas. Exatamente isso: "O que você tá tocando é o que vai estar sendo gravado". Aí, dois dias antes de começar a gravação, decidiram efetivamente que tinha caído o DVD por questões de orçamento.

Esdras: Aí a gente falou: "Então, beleza, vamos fazer o CD [ao vivo]."

Fábio: Aí fomos lá e gravamos dois dias de som ao vivo, pré-mixado e tal. Aí o Miranda chegou e falou: "Beleza. Agora vamos gravar um disco de verdade." Ele decidiu fazer um disco de estúdio. Dobras e dobras e dobras e dobras...

Bloody Pop: E foi gravado aonde?

Fábio: Na Trama. Tudo na Trama. Muito louco, né? Porque, cara, como é que você sai de um CD ao vivo para um CD completamente de estúdio, com cada coisa milimetricamente colocada no lugar, pensada, sonoridades com peso?

Esdras: É, ficou um disco assim que... O Beto que ficou lá editando depois (risos). Ele ficou só dois meses [em São Paulo] trancado no estúdio, depois editando tudo. O bicho voltou magro. (risos)

Beto: É, o disco foi pensado para ser um disco ao vivo. Quando a gente se depara com essa coisa de estúdio, muito ficou por conta do Rodrigo e do Miranda – o Rodrigo é o técnico de som, né – que acabou sendo o coprodutor do disco, também, porque ele conseguiu visualizar muita coisa do disco que, pela distância – da gente morar em Brasília e ter que ficar aqui – não tinha como ficar todo mundo lá, toda hora, dando palpite. Então eles direcionaram muito e muito do processo final também é deles. De timbragem, de o que é mais importante em alguns momentos. Quando a gente fez o disco a gente pensava em uma massa sonora e as nuances era um pouco mais diferenciadas. E quando o disco é pensado para estúdio, o processo é mais demorado, mas tem um outro tipo de concepção. Então, o resultado que a gente tem hoje é totalmente diferente do que a gente imaginava quando foi gravar.



ENTREVISTA

MÚSICA COLONIAL DE ACAJU

Fábio: [Diferente] Do que a gente pré-produziu, por exemplo.

Beto: Exatamente.

Esdras: Mas acabou que foi bem natural.

Fábio: É, porque além disso, a gente, por uma questão de problemas técnicos, de master... e o pessoal do sistema falou: “Não dá pra fazer o Álbum Virtual nesse prazo. Vai precisar de um pouco mais [de prazo]. E aí, cara, o que a gente faz? O show já estava marcado, já tinha um monte de show marcado depois, fora de Brasília, e não tem outra data para marcar em Brasília. Não dá para a gente parar. E aí, o que a gente faz? Aí a gente: “Vamos vazar o disco”. E aí a gente fez essa gravação ao vivo. Então, é muito louco, porque apesar dos arranjos serem praticamente os mesmos – e, estruturalmente, são os mesmos –, soa muito diferente. Soa como duas bandas. São duas sonoridades completamente distintas. E o legal é isso, porque a galera conheceu a música, como vai ser no show...

Esdras: A galera conheceu a canção.

Fábio: É, e vai conhecer, depois, o disco.

Bloody Pop: E o Álbum Virtual, quando sai?

Fábio Pedroza: Final de abril. Eu chutaria entre o dia 25 e o dia 30.

Bloody Pop: E como foi a turnê na Europa?

Fábio: Cara, eu acho que foi uma experiência muito importante para o grupo.

Esdras Nogueira: Para o disco, é.

Fábio: A gente incorporou muitas sonoridades de coisas que a gente vivenciou lá, e das trocas que a gente teve, porque foi a primeira vez que a gente ficou tanto tempo junto, sem ter para onde fugir.

Esdras: Juntos sem ter ninguém lá para conversar.

Fábio: Foram vinte dias juntos, com os horários todos iguais.



ENTREVISTA

MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU

Bloody Pop: E onde vocês tocaram?

Fábio: A gente tocou na Bélgica, Suíça, Alemanha e República Tcheca.

Esdras: Três [shows] na Alemanha e um em cada um dos outros [países]. E a gente pegou um esquema megapopular, que é tocar no mesmo festival do [Metallica](#), [Sigur Rós](#), [Flaming Lips](#), essa galera toda, [The Killers](#)... E tocar em festival na Alemanha, velho, da terceira divisão de futebol contra o preconceito no futebol.

Beto Mejía: Serviu para amadurecer o processo todo, de encarar o mercado de música, além de outras coisas.

Fábio: Tipo, aqui só banda grande que pode ter coisa. Lá não, a menorzinha tem um show escroto. O mercado de lá é estruturado para um circuito de shows que no Brasil tá começando agora. O [Macaco Bong](#), pelo menos, tá aí, na estrada, vendendo disco. [Pata de Elefante](#), a gente.

Esdras: [Bandas] Que fazem show, não são bandas megapopulares, mas estão aí.

Fábio: Não é porque é pequeno que você tem que ser menos profissional, ter menos qualidade.

Esdras: E a parte musical também. Aqui a gente fez um circuito de festivais muito grande e a gente tinha sempre a convivência com as mesmas bandas, praticamente. Sei lá, shows do [Los Hermanos](#): a gente tocou com os caras umas cinco vezes, viu o show dos caras umas dez vezes... É muito bom, mas chega um momento que você já sabe o set dessa galera de cor e vice-versa. [Vanguart](#), já tocamos juntos várias vezes, [Nação \[Zumbi\]](#), várias vezes, [Paralamas \[do Sucesso\]](#)... Pessoal que a gente gosta, que é influência, sabe, mas que a gente já viu várias vezes. Quando a gente se deparou com um lugar de outra língua, várias bandas que a gente nunca tinha visto...No show do Sigur Rós, a gente: "Caracas, velho!". Show do Flaming Lips.. Show do Metallica, então, nem se fala...

Bloody Pop: E em Brasília vocês fazem o Móveis Convida..

Fábio: É, o Móveis Convida surge de várias maneiras. Ele tem a preocupação, primeiro, de ter um pró-ativismo cultural, porque ficar dependendo de produtor para ter show é uma merda. O que a gente pode fazer? A gente conhece as bandas, a galera do som, a galera das casas [de música], por que a gente não faz a gente mesmo? Segundo, rolou uma certa insatisfação de não ser apoiado por algumas praças aqui de Brasília (risos). Aí a gente percebeu, "Pô, sacanagem, a gente vai nos lugares, recebe um tratamento foda, por que a gente não pode dar esse tratamento para as outras bandas aqui em Brasília?" A gente busca muito disso também, de dar um tratamento igualitário: a banda que abre e a banda que fecha tem o mesmo som, tem o mesmo tratamento de backstage, passagem de som – coisa que a gente preza, de todo mundo passar o som. Ter uma qualidade na estrutura do lugar. Por exemplo, o show do Los Hermanos tinha a mesma estrutura de quando foi o



MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU

show do Vanguard ou do [Pato Fu](#) ou com o [Teatro Mágico](#). Todos tiveram a mesma estrutura. E a preços acessíveis, que é uma coisa que a gente sempre se preocupou. E agora que foi demais, porque agora para esse [Móveis Convida X, realizado na última sexta] foi de graça.

Bloody Pop: E como foi essa parceria que vocês conseguiram com a [Brasiliatur](#)?

Esdras: A gente falou: “Apóia a gente: banda de Brasília e tal”.

Fábio: Aí os caras falaram: “Só se for de graça” E a gente: “Beleza! É isso que tem que ser? A gente não ganha nada!”

Esdras: “Sem problema!”

Beto: Tem também a parte de fazer o projeto, deixar a coisa bonitinha... A parte administrativa, burocrática, para o cara chegar lá na mesa dele e ter um papel falando: “O projeto consiste nisso, é feito disso, as etapas são essas, o projeto financeiro é esse.” Então, tem essas outras etapas onde o Móveis trabalha. Todas, assim, dentro do Convida, desde a arte do panfleto, – que é o André [Gonzáles, vocalista] que faz – panfletar em escola, de ficar coordenando montagem de palco. Tudo, a gente faz tudo.

Fábio: Tem muitos parceiros, mas a gente está envolvido em tudo. E acho que o esquema da Brasiliatur foi legal porque eles resolveram apoiar um evento que é muito simples, porque os caras fazem aquelas coisas da [Torre \[de TV\]](#), da [Árvore \[de Natal de Brasília\]](#), e aquilo tem muita grana e muita estrutura. A gente é coisa pequena perto daquilo. Eles colocaram: “Olha, o projeto é interessante, mas infelizmente a gente não pode apoiar nada pago”. O que a gente prefere? Ter um evento gratuito de um lançamento de um disco e não ganhar nada, ou tentar ganhar dinheiro para pagar as contas da banda, só que com o perigo de não ter público e não ter espetáculo, essas coisas? Aí a gente: “Cara, o CD já vai sair de graça. A gente tá lançando todas as músicas antes no [YouTube](#). O CD vai sair de graça, como que o show não vai ser de graça?”. Não faz sentido, cara! Casou perfeito. (risos) Tipo, C_MPL_TOU, né?

bloody pop